

A sombra do Padre Cícero...

The shadow of the Padre Cícero...

Gilbraz de Souza Aragão¹

“... Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação
transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades...”
(Manoel de Barros²).

A Irmã Anette disse que é para não responder como Caim: “Não sei! Sou eu o guarda de meu irmão?” que se realiza este 4º Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero, com o mote “E onde está ele?”³. “É para não nos furtarmos, como Caim, de nossa responsabilidade como pesquisador, educador, historiador, teólogo, sociólogo, ateu, devoto ou romeiro! Onde está o Padre Cícero e o que fizemos dele, após 80 anos de seu falecimento?”.

Este, certamente, não é um encontro para homenagens, pois Padre Cícero é não só sacerdote e poeta, mas santo e profeta: e não se homenageia um profeta. A um profeta se segue ou se persegue, e, no limite, se mata - ou se condena ao silêncio simbólico. Minha contribuição para as reflexões deste

simpósio vai na linha da contextualização histórica do seu profetismo, para que ele recupere e reverbere mais sentido. Mas eu não quero bem rever a história e sim transvê-la: entre e além dos fatos, meio contra a corrente, feito artista, tirando as naturalidades da lembrança da gente.

Na verdade, eu quero apenas compartilhar a impressão de que, parece, no rio da história, o Padre Cícero se encontra numa canoa - de onde projeta muitas sombras em todas as margens. Mas não vou falar tanto dele e da sua canoa, e sim do rio que o cerca no tempo e no espaço. Como reinterpretar o Padre Cícero e a sua mensagem espiritual, senão viajando pelos contextos que o fizeram emergir e pelos contextos onde hoje ele aparece ainda? Vamos viajar, então, pelo círculo hermenêutico...

Inspira-me nessa leitura um livro de cabeceira, A sombra do Galileu⁴, de Gerd Theissen. Toda ação desse livro se desenrola dentro de um quadro socioeconômico em que fervilham os grandes problemas da humanidade de todos os tempos. O apelo ao social é bem destacado: o desemprego, a

pobreza, a opressão das tropas invasoras, os assaltantes, os terroristas, os endividados e espoliados de suas terras, os sem-terra, a fuga para o deserto e o mundo do crime, as más colheitas e os impostos extorsivos que levam muitos à falência e à loucura, o grande número de doentes, os assassinatos de profetas.

Mas, por outro lado, não morre a esperança dos aflitos que suspiram pelo Messias. É justamente o messianismo que alimenta a força de resistência do grupo extremista dos zelotas. Eles são fruto das circunstâncias em que vivem: para fugir da polícia, se refugiam nas cavernas, praticam terrorismo e assaltam os próprios concidadãos. Não poupam nem mesmo os escravos do imperador e as autoridades se preocupam com a segurança nacional.

Jesus foi um revolucionário? Um risco para a segurança? Ou apenas um sonhador, um poeta aldeão, um místico ambulante, como tantos houve na época entre gregos e romanos? O autor faz ver que Jesus transcende a todos eles, porque ele tem algo que os outros não têm: ele é o homem que há de vir julgar os próprios dominadores e realizar os sonhos de todos os pobres e banidos da terra...

Nesse romance, um jovem judeu é pressionado por Pilatos a colher informações sobre novos movimentos religiosos na Palestina e ele constan-

temente esbarra na figura de Jesus, a quem tenta encontrar. Sai à procura desse Galileu por toda parte, visando reconstruir uma imagem dele a partir das histórias que ouve da boca do povo. Mas não consegue alcançar o seu personagem a tempo: "... Sobre eles o sol descia. Espargia seus raios sobre a cruz de Jesus e as dos zelotas, sobre o morto e os dois agonizantes. Projetava sua luz sobre os soldados romanos e os espectadores que seguiam os acontecimentos, alguns curiosos e outros aterrorizados. Estávamos à sombra do Galileu..."⁵.

Pois bem, vou me servir também dos registros de uma viagem, que fiz ao Juazeiro para tentar conhecer o Padre Cícero, em julho de 2011. Desafiado por uma exegese "pilatiana" sobre o futuro da religião⁶, vaticinado como "pós-religional", em um cenário crescente em que a religiosidade transformar-se-ia em meditação silenciosa com o fim da metafísica agrícola, saí à cata de vestígios dos velhos movimentos religiosos. Vou aproveitar de cada parada que realizei com a minha família, naquele trajeto de Pernambuco, pelo Ceará e voltando pela Paraíba, para colocar cenários da fé pelos sertões do Nordeste brasileiro e refletir sobre eles, sempre perseguindo a sombra do Meu Padim - outro profeta, quase um novo Messias, que nem Jesus.

2 Serra do Ororubá (Pesqueira-PE)

Terra de luta entre brancos e índios Xucuru (índios e brancos, todos caboclos), de guerra simbólica entre N. Sra. das Graças e N. Sra. das Montanhas (Mãe Tamain).

A religião indígena (Pai Tupã), como catalisador cultural, é recriada com base no sincretismo católico (Mãe Tamain) e no sincretismo afro (Jurema).

A luta econômica pela terra passa pela luta simbólica em torno das santas (GraçasXMontanhas) e do santuário. Religião de oferendas e transe, de seres encantados (relacionados à natureza).

Ainda se vive (na guerra!) pela agricultura de subsistência... Nem a modernidade chegou!

Figura 1: Capela N. Sra. das Graças, Cimbres



Fonte: Arquivo do autor

Encontra-se por dentro das expressões religiosas populares ⁷, mormente nos sertões nordestinos, uma experiência de submissão ao divino absolutamente transcendente, criador e recriador da vida, cujo poder se

manifesta nas "leis eternas" da natureza e da sociedade – que é vista como que naturalizada e se encontra igualmente sob a proteção e controle dos "santos". Por outro lado, mostra-se também, e paradoxalmente, a reivindicação de

dignidade por parte de um homem sofrido das secas e das cercas, que através de sentimentos e práticas religiosas consegue clamar: “Deus é Pai, não é padrasto!”.

Trata-se de uma população cabocla e majoritariamente empobrecida, conformada segundo o modelo da fazenda que reunia, nas mãos de poucos “coronéis”, o domínio da terra e a posse da força de trabalho, primeiro escrava e depois “livre”, para produzir artigos destinados a um mercado que se mundializava com a “República”. Tudo e todos pertenciam ao senhor, que era o único mediador com o mundo externo, exercendo ao mesmo tempo papéis de patrão, padrinho, protetor, chefe político.

Qual o vestígio e lição do Padre Cícero, que já encontramos nas devoções do Ororubá: ao anunciarmos a santidade maior em Jesus Cristo, precisamos considerar a cultura ambiente e a saúde do povo – que do contrário fica mesmo é com São João do carneirinho, protetor do roçado e do rebanho, e com seus colegas José,

Antônio e Pedro, encarregados de arrumarem chuva, casamento e casa. Através deles se busca (de um deus regulador e meio distante) soluções extraordinárias e individuais para as ameaças sofridas da natureza ou dos poderosos.

Mas o recurso mágico ao santo pode também ser seguimento da sua vida exemplar e emancipadora. Se estivermos junto ao povo, poderemos passar da dependência do milagre “sobrenatural” que traz benefício do “santo”, para a crença na possibilidade de sermos igualmente “santos” e capazes de fazer das nossas vidas um milagre “mais-que-natural” para a vida dos outros – pelo amor, que é (de) Deus! A gente, que muitas vezes vem apenas querendo saber o que Deus tem para lhe dar, é capaz de perceber que pode muito mais é dar-se a Deus, comprometendo-se na realização do seu Reinado sobre o mundo. Disso dá testemunho bonito a pastoral das romarias que vamos descobrir no Juazeiro!

3 Vale do Catimbau (Buíque-PE)

Sertão que já foi mar e tem gente de seis mil anos... terra da fazenda dos Amigos do Bem e da fazenda do Meu Rei.

Convivem duas fazendas: a pré-moderna do Rei Imortal, com plantio de subsistência em torno do castelo de

águas curativas; e a moderna ONG Amigos do Bem, com agricultura intensiva e fábrica de doce, farmácia e ambulatório.

No primeiro caso a religião é um messianismo (em crise), no segundo é

um “equipamento social” entre os serviços da vila.

Certos arquétipos (Castelo) permanecem no inconsciente popular...

Figura 2: Castelo no caminho para Fazenda de Meu Rei e ONG Amigos do Bem



Fonte: Arquivo do autor

O senhor da terra normalmente patrocinava nos sertões as práticas religiosas, porque essas quase sempre apresentavam um “Senhor do Céu” que pregava o respeito aos seus administradores terrenos, neste “Vale de Lágrimas” – em que “Mais sofreu Jesus”! As irmandades e confrarias, voltadas para a celebração do culto e das devoções aos santos e almas, foram o principal suporte da religião católica no Brasil. Eram grupos de leigos, gozando de muita autonomia, que organizavam e abrilhantavam as festas nas quais o

padre era convidado, para dizer missa e fazer “desobriga” – já que a religião era considerada obrigação.

Nos outros dias do ano, até fins do século XIX, as práticas religiosas eram de âmbito muito familiar ou pessoal⁸: os oratórios domésticos e os velórios, os cruzeiros para mortos, as curas dos benzedores. Nesses momentos, as pessoas com mais jeito e melhor dom, como os beatos e beatas, dirigiam as celebrações e as romarias, os ofícios e peregrinações, trazidos do medievo pelos colonos portugueses e

aqui misturados com os cultos de santidade e invocações dos encantados afro-indígenas. Esse catolicismo de paróquia com a missa dominical cheia de gente, associações pias e festas do mês de maio e do padroeiro, procissões e vigário de batina, enfatizando os sacramentos e a moralidade, é um catolicismo implantado no Brasil a partir, justamente, da segunda metade do século XIX.

A estratégia dos bispos reformadores e do seu clero⁹ era desvalorizar o catolicismo dos leigos, principalmente substituindo as devoções aos santos tradicionais por outras que na Europa combatiam o liberalismo anti-clerical: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora Auxiliadora e o Sagrado Coração de Jesus. Daí surgiu o Apostolado da Oração, que estatutariamente coloca o vigário na diretoria. Até as antigas Irmandades foram passando para o controle paroquial, como as do Santíssimo; reduzindo-se à beneficência para os próprios membros, como as Ordens Terceiras; ou transformando-se em entidades mantenedoras. Ao mesmo tempo, festas como a da Coroação de Nossa Senhora vieram substituir as Folias de Reis e do

Divino, Procissão das Almas e as Festas Juninas. Trazendo as imagens dos oratórios para os templos paroquiais, o clero tornou-se o principal festeiro. Para isso, os vigários contaram com a força das “missões populares” e com a ajuda de congregações, redentoristas e salesianos, que substituíram ermitães e beatos dos centros de romaria.

Dentro desse contexto mais amplo de reforma da Igreja, para fazer frente aos ares republicanos, é que se pode compreender melhor o Padre Cícero – cuja proposta de vida comunitário-religiosa chocava-se então com a dos senhores da terra e também com a dos “representantes do céu”. Quando a gente passeia pelas duas fazendas contrapostas no Catimbau, presente já o movimento de síntese que Padre Cícero ensaiou como alternativa no Juazeiro, entre o místico e o social, o antigo e o moderno. Em 1872 ele teve um sonho¹⁰ na escola do lugarejo, de que ali entraram os apóstolos com o Coração de Jesus, que ameaçou o mundo pelas ofensas humanas, recomendando ao Padre que tomasse conta dos pobres... “E acordou com a impressão tão viva, que mais lhe pareceu realidade”.

4 Triunfo (PE)

De aldeia Cariri a estância da Burguesia, terra de cangaceiros e dos beatos de Ibiapina... Onde os conventos

católicos cedem espaço às igrejas evangélicas – e aos hotéis de turismo!

Modernização criou um novo panorama do cristianismo.

Movimentos que se articulam com modernidade (ecumenismo, libertação, evangelicalismo); surgidos a partir das margens (pentecostais, carismáticos e neopentecostalismo); e os movimentos

de reação à modernização (neo/conservadores).

Afirmam-se opções religiosas, mas o templo mais desejado agora é o parque-shopping, do espetáculo-lazer-consumo!

Figura 3: Casas de Caridade de Ibiapina, Convento de frades e freiras, Triunfo



Fonte: Arquivo do autor

Se a “romanização” chegou a estabelecer novas estruturas eclesíásticas, contudo, as suas escolas, sacramentos paroquiais e associações piedosas atingiram poucos católicos. A maioria da população, conservando elementos da tradição antiga, reinterpretou esse catolicismo reformado, praticando sua religião de modo privatizado e/ou em comunidades de “cura divina”, muito inconstantes e

abertas ao sincretismo. O núcleo é a devoção aos santos, não somente os canonizados, também as denominações locais e familiares (crianças assassinadas) e santos anônimos (almas vaqueiras ou benditas), além de pessoas exemplares para a fé do povo, como Padre Cícero e os conselheiros do sertão.

Em cada imagem, ainda que do mesmo santo, há um santo diferente: carregado com outros poderes de

intermediação para o Deus todo-poderoso. A característica comum é o relacionamento direto e pessoal: o santo está ao alcance da pessoa. Esse catolicismo privatizado, todavia, é suplementado pelas práticas sacramentais do catolicismo romano, quais o batismo, primeira comunhão, casamento e os funerais, além das festas dos santos e da semana santa. Ou então, ele recebe suporte nos pentecostalismos urbanos modernos, sintetizando toda a santidade em Jesus Cristo ou no seu Espírito, substituindo a promessa pelo “voto”, mas recorrendo às bênçãos e exorcismos como antigamente.

A espiritualidade resultante, de todo modo, é milagrosa e penitencial, perdura mesmo na vida secularizada das periferias urbanas para onde migra a maioria desse povo, muito embora com dificuldades de ser socializada entre as novas gerações. Ela continua marcada pela mística ibérica do século XVI, de forma que há um sentido forte da ação de Deus (Providência) em todos os momentos e um apreço pela humanidade empobrecida e humilhada –

5 Serra Talhada e Belmonte (PE)

Terra da Pedra do Reino, do milenarismo sebastianista e do sagrado armorial: bandeira do Divino - gavião - unida com a bandeira do Cristo negro e esfarrapado, bandeira vermelha dos

principalmente no presépio e na paixão – do santo maior, Cristo, que se liga à aceitação do sofrimento humano e da morte.

Quer dizer, encontra-se sentido para a morte e para a pobreza como manifestações do pecado e apelos à amizade. Mas existe também a valorização dos símbolos, do emotivo e afetivo na existência cotidiana – donde as tantas devoções, principalmente à Virgem Maria. É uma linguagem que sacraliza a nostalgia maternal e antecipa a recriação da vida que se deseja e espera. Conhecer o Padre Cícero e sua história no Juazeiro é descobrir esse imaginário religioso que nos torna mais conscientes da nossa cultura – e assim mais livres para assumi-la e/ou transformá-la. Saber que os seus romeiros experimentam a transparência do espírito divino quando repartem a farinha pelas estradas e compartilham a alegria de poder contar com um Padrinho maior na Nova Jerusalém do Cariri, é no mínimo descobrir um antídoto para a religião prática do mercado, que se alastra pelo mundo.

sem-terra e bandeira branca das novenas de maio.

Ariano prega um cristianismo sertanejo que aceita a poligamia e promove o socialismo.

Na liturgia de queijo e rapadura, paçoca e alguns goles de vinho, a gente sente com Quaderna que “tudo era divino: a Vida e a Morte, o sexo e a

secura desértica, a podridão e o sangue”.

Essa religião salva, ao mesmo tempo, a alma e o corpo, por permitir “o bom comer, o bom beber...”.

Figura 4: Peregrino em traje franciscano e Mercado de produtos naturais



Fonte: Arquivo do autor

Passar por Belmonte é lembrar que a espiritualidade do sertão vem ganhando também outras expressões culturais e uma modelização, meio pós-religiosa até, é a obra de Ariano Suassuna. A partir da fusão entre o barroco ibérico e o nosso romancelero popular, Ariano escreve para reencontrar o seu pai e “Rei” assassinado - e acaba topando em outro Pai, nos céus. Mas é um Deus diferente de muitos catecismos.

Sua obra ajuda a encontrar um divino que perdoa, que todo o mal muda em virtude; que, de tão humano, só podia ser Deus mesmo. Ele resgata a fé popular mas lhe tira o tom carrancudo através das brincadeiras de Quaderna, das intervenções de Nossa Senhora. Até com o Diabo ele brinca e integra como joguete no Tribunal Celestial dos sertões.

Estamos diante de um sertanejo que queria ser palhaço do circo e fez do

circo a metáfora que comanda sua cosmovisão, de um rapaz educado calvinista no Recife e que se fez agnóstico e se converteu católico, por causa da sua esposa e porque sentia falta de uma Compadecida junto do seu Deus. Ariano dota a nossa cultura simples de uma dimensão erudita, crítica e universal - sem deixar de ser lúdica e brincante. Sua arte é a síntese, que não elimina o contraditório, mas o resolve em um outro nível da realidade. Ele recupera das cantorias e do cordel a veia religiosa da nossa gente, mas amplia a consciência das suas contradições através de elementos picarescos, cômicos, satíricos. É um nordestino que revolve o catolicismo popular da sua gente e procura por dentro os mecanismos que lhe permitem o desenvolvimento humanista.

E a "religião" cultural que ele propõe recusa a passividade e o moralismo. Entra aí a mitologia negro-tapuia, conformando um arraial messiânico com a bandeira do Divino Espírito unida com a bandeira do Cristo negro e esfarrapado, com a união do socialismo dos profetas e a doçura de Nossa Senhora, a bandeira vermelha dos sem-terra e a bandeira branca das novenas de maio. Com inspiração bíblica, Ariano criou o mito da Rainha do meio dia, a mãe dos povos castanhos do terceiro mundo, que alimenta a sua utopia de justiça e liberdade, onde no grande concerto da humanidade, cada cultura tocaria uma nota. Esse poeta e

Paralellus, Recife, v. 5, n. 10, p. 343-360, jul./dez. 2014.

místico pelo avesso, traveste-se de Quaderna e prega uma Igreja sertaneja que aceita a poligamia e promove o socialismo, alardeia a devora dos proprietários por cachorros degolados e ressuscitados como dragões.

Para Ariano, Deus fala pelas pedras e, na sua Pedra do Reino¹¹, numa liturgia de queijo e rapadura, paçoca e alguns goles de vinho, a gente pode sentir com Quaderna que "tudo era divino: a Vida e a Morte, o sexo e a secura desértica, a podridão e o sangue...". E experimentar "... no alto, de uma vez só, o gozo do amor, o poder do Reino, a fruição da Beleza e a união com a Divindade...". E tem mais: a Santíssima Trindade dessa Igreja inclui a dimensão do feminino e a figura do mal, é formada pelo Pai, o Diabo, o Filho, a Compadecida e o Espírito - que é um Gavião de Ouro e não aquela pombinha. A reza é um pouco ampliada: "Em nome do Pai, do Filho, da Filha, da Mãe, da raça toda". Esse catolicismo salva, ao mesmo tempo, a alma e o corpo, por permitir "o bom comer, o bom beber e o bom foder". É uma religião bastante judaica e cristã para levar ao Céu e, ao mesmo tempo, bastante moura e negro-tapuia para nos permitir, aqui logo, os maiores e melhores prazeres que podemos gozar!

Entender Padre Cícero é não apenas voltar ao seu contexto, mas atualizar a sua mensagem pro mundo de hoje: como serão as romarias ao Juazeiro se, numa hipótese meio

surrealista, a miséria acabasse pelo sertão? Quem sabe Ariano ajude a

pensar, junto e a partir, mas para além do Padre Cícero histórico...

6 Juazeiro do Padim Ciço (CE)

Milagres no sertão... Os caminhos da fé devocional, entre a política e a economia... Esperança e dinheiro a serviço de quem?

Religião popular é devoção aos santos...

Como apostar na possibilidade de sermos igualmente "santos" e capazes

de fazer das nossas vidas um milagre "mais-que-natural" para a vida dos outros – pelo amor, que é (o) divino?!

Como combinar o respeito à transcendência (Pai) da devoção, com o cultivo do (Espírito) divino na subjetividade e a militância libertadora (Filho-Irmão) na comunidade?!

Figura 5: Ex-votos e romeiros no Juazeiro do Padim Ciço



Fonte: Arquivo do autor

Chegamos ao Juazeiro e percorremos os seus lugares sagrados¹². Descobrimos que numa manhã de 1889

a costureira e beata Maria de Araújo comungou pelas mãos do padre Cícero Romão Batista, seguindo o costume do

rito mensal dedicado ao Sagrado Coração de Jesus na igrejinha do arraial de "Joaseiro", no Vale do Cariri. Depois de receber o sacramento, Maria caiu desacordada no chão e a hóstia se tingiu de sangue. O fenômeno se repetiu diante de muitas testemunhas naquela Quaresma, sempre após a comunhão ministrada pelo padre Cícero, e tornou a ocorrer algum tempo depois.

Tratava-se, conforme entendeu o capelão, de uma manifestação do Precioso Sangue de Cristo, materializado em Juazeiro, para anunciar a vinda próxima do fim do mundo. Bastaram alguns meses, para a fama do Milagre em Juazeiro atravessar as fronteiras do Ceará. O movimento criado pelos seguidores do Padim Ciço começou a atrair milhares de peregrinos até a pequena localidade do Crato, para venerar as relíquias da transmutação divina. O padre cearense desafiou o poder dos coronéis locais e a autoridade da hierarquia católica, chegando em 1894 a ser inutilmente condenado pelo tribunal do Santo Ofício.

Mesmo suspenso das atividades presbiterais, e muito combatido por seus inimigos políticos, nas décadas seguintes o arrebatador Padre Cícero, com apoio do médico Floro Bartolomeu, converteu-se num líder messiânico temido e respeitado. Uma cidade populosa com nome de árvore se tornou então um reduto armado em sua própria defesa e, ao mesmo tempo, a capital da fé de romeiros, beatos, artesãos e

comerciantes, entre os crentes da salvação neste e no outro mundo. Hoje está entre as cidades mais ricas do Ceará, recebendo mais de dois milhões de peregrinos e turistas a cada ano.

Todos os milagres juntos não salvam a gente da morte, mas o milagre é sempre um toque básico para a fé, mostrando que o divino tem predileção pelos simples, pelas mulheres e crianças; que a salvação inclui mais saúde e passa pelo corpo; que, enfim, "o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no outro menor". O estudo do fenômeno religioso hoje é facilitado pela nova compreensão de ciência, resultante do paradigma instaurado pela física quântica: matéria é energia e, portanto, a natureza é sempre misteriosa e intercambiável. Surge uma visão unificada e complexa do universo, sintonizando ciência e sabedoria, percebendo a verdade nas relações.

Então, não deveria haver mais razões para se marginalizar¹³ a mística beata, nem o santo que fez o que podia, no seu contexto, para cuidar dos pobres e criar uma cidade sob os mandamentos do Coração de Jesus, calcada nas três devoções brancas do seu tempo: a Nossa Senhora, à Eucaristia e ao Papa. O povo do sertão sempre respeitou este canto sagrado e o Padim Ciço é aqui onipresente. Todavia, mesmo sendo lembrado com uma imagem em cada casa, a gente sai com a impressão de que o carisma do Patriarca se manifesta

e se esconde na cidade. Padre Cícero:

onde é mesmo que ele está?

7 São João do Rio Peixe (PB)

Brejo das Freiras, da austeridade religiosa ao lazer "espiritual"! Sousa (PB): bichos de 100 milhões de anos... Sem nenhuma pegada de gente, para desafiar os criacionistas!

Movimentos de busca trans-religiosa de espiritualidade silenciosa e gratuita na "nuvem" (teologia trans-wiki,

colaborativa e engajada), mas também sagrado selvagem, buscado por interesses emocionais de poder.

Mudar o "nível da realidade", passando do teórico-doutrinal para o da práxis ética e/ou do silêncio espiritual, fomentando o diálogo entre religiões e com as ciências.

Figura 6: Capelinha dividindo espaço com antena e convento transformado em hotel, Brejo das freiras



Fonte: Arquivo do autor

Passamos pelo Convento-Hotel do Brejo das Freiras e pelo Parque dos Dinossauros de Sousa e deploramos as dificuldades de socialização da fé cristã em um mundo que se deslumbra com a

ciência moderna objetiva - e se consome em mercado e lazer - sem perceber que precisa integrar a sabedoria subjetiva pré-moderna, bem como a sapiência intersubjetiva da pós-modernidade.

Quanto mais a ciência progride, mais ela deixa entrever uma ligação íntima entre o material e o espiritual. As relações entre ciência e religião evoluíram do conflito e independência para o diálogo e mesmo integração, onde podemos falar, transdisciplinar e trans-religiosamente, de manifestações do Espírito em todas as pessoas verbais:

“O Espírito na 1ª pessoa é o grande eu (...) - o Espírito como aquele grande Observador em você, o eu-eu deste e de cada momento (...). O Espírito em 2ª pessoa é o grande Você, o grande Tu, o Deus radiante, vivo, generoso diante do qual devo me render em amor, devoção sacrifício e libertação. Diante do Espírito na 2ª pessoa, diante do Deus que é Todo Amor, eu posso ter apenas uma resposta: para encontrar Deus neste momento, preciso amar até doer, até o infinito, até que não sobre nada de mim em nenhum lugar(...). O Espírito na 3ª pessoa é o Grande Ele, o Grande Sistema ou a Grande Teia da Vida. É a Grande Perfeição da existência, o ser de como as coisas são e de como são maravilhosas, neste momento e em todos os momentos subsequentes. O Espírito

surge em seu modo de 3ª pessoa como esse vasto Sistema evolutivo impessoal, a Grande Ordem Interligada, a Grande Holarquia de Ser, de ordens, de esferas, de níveis e de planos interconectados, estendendo-se do pó à Deidade, do barro à Divindade...”¹⁴.

Sem dúvida, o futuro do cristianismo passa pelo resgate da espiritualidade e, portanto, pela valorização da santidade, como a do Padre Cícero. Mas isso será possível somente através do diálogo com as ciências, o que sempre desagua também em um diálogo inter-religioso, pelo reconhecimento de sonhos humanos comuns entre os sons religiosos diferentes. E inclusive passa pela consideração dos limites de certas experiências religiosas, seja por quais formas institucionais elas vierem revestidas: o Censo¹⁵ revelou que na última década os evangélicos cresceram mais de 500% no Juazeiro, onde já somam quase 9% da população... O problema é que, de fato, essa não é, por si, uma grande mudança na espiritualidade da gente!

8 Santuário de Santa Fé (PB)

Comblin junto ao Pe. Ibiapina... Da santidade pré-moderna à possibilidade de um sagrado pós-moderno?!

Comblin foi um homem que não deixou de sonhar. Plantava jardins (foi sepultado nos jardins que plantou, junto do túmulo do Padre Ibiapina) e construía Escolas Missionárias (faleceu quando dava um curso). Escolas e jardins eram para os outros...

Comblin (e Ibiapina) reinvestiram socialmente o capital religioso popular. Um pensamento pós-religioso ajudaria mais no processo de emancipação humana? Ampliaria as vias de acesso à santidade em nossas vidas?! Como?

Figura 7: Santuário Pe. Ibiapina e Memorial José Comblin, em Santa Fé



Fonte: Arquivo do autor

Chegamos ao Santuário de Santa Fé, túmulo de José Comblin, que é figura simbólica para muitos cristãos e cidadãos espalhados pelo mundo e, sobretudo, na América Latina e no Nordeste brasileiro. Um dos fundadores da Teologia da Libertação, com uma produção privilegiada, onde se contam centenas de artigos e mais de setenta livros. Comblin foi um apaixonado da causa libertária dos pobres, na perspectiva do seguimento de Jesus. Um dos seus últimos escritos foi Padre Cícero de Juazeiro¹⁶.

Aí ele conta que, convidado para atender confissões e fazer pregações, Padre Cícero chegou a Juazeiro e ali ficou por mais de 60 anos. "Durante todo esse tempo, viveu na pobreza. Adquiriu a fama de um sacerdote dedicado inteiramente ao povo, sempre disponível, sempre desinteressado, atento, despretensioso, bom conselheiro, impecável na sua vida pessoal, fiel rigorosamente ao seu voto de castidade, aceitando trabalhar na capelania mais miserável".

Comblin diz ainda que, por isso, os romeiros voltam para casa com mais fé e esperança, com mais coragem e mais confiança para enfrentar a dura vida de cada dia. Entrou neles uma nova força, e, no próximo ano, irão de novo para a fonte de vida, porque a luta nesta terra é de muitos sofrimentos, e como suportar essa vida? O Santo ajuda. Ele faz milagres e o primeiro milagre é a fé e a esperança do povo dos romeiros. Todos levam lembranças, imagens, santinhos, folhetos, que são dentro das suas casas uma presença de Juazeiro.

Diz também que Dom Helder ainda conheceu padre Cícero no final da vida dele e ficou muito edificado. Contava que um dia entrou na casa de

taipa de uma pobre velhinha. Dentro da casa viu que havia 4 santinhos de padre Cícero nas paredes. Então dom Helder disse à mulher "Estou vendo que a senhora gosta muito de padre Cícero". A velhinha respondeu: "Gosto muito, sim senhor". E dom Helder perguntou: "Porque a senhora gosta tanto de padre Cícero?" A mulher disse: "Olha, dom Helder, eu vou dizer porque é o senhor que pergunta. O padre Cícero é o próprio Sagrado Coração de Jesus". Nessa resposta estava tudo dito. Jesus precisa aparecer em figuras humanas. Padre Cícero era justamente essa transparência diáfana de Jesus, ou seja, de Deus.

Mas, terminamos a nossa viagem e onde está, afinal, o Padre Cícero? "Onde o senhor foi parar, hoje"? Gostaria de concluir com uma pista em forma de divagação poética, e o faço com a ajuda de João Guimarães Rosa. Numa das mais belas de suas "Primeiras Estórias"¹⁷, intitulada "A Terceira Margem do Rio", Rosa fala de um pai de família que a uma certa altura da vida mandou construir uma canoa, colocou o chapéu na cabeça e deu adeus para sua gente.

O espaço escolhido pelo pai denota não mais o absoluto ou a controvérsia bipolar no jogo do

conhecimento, mas a invenção de outro lugar para saber mesmo das coisas, pela inclusão de uma terceira possibilidade, em outro nível. O fato de o pai, em vez de chegar a algum lugar, preferir continuar na canoa, traduz a sua consciência questionadora.

Subiu na canoa e nunca mais pisou em chão... Comia quase nada e nunca mais falou palavra com pessoa alguma, solto, solitariamente. Os seus passaram a viver em torno daquela canoa distante... Mas, com o tempo, aos poucos, começaram a debandar. Uma filha com o marido se mudou para longe,

um irmão se foi para outra cidade. Até a mãe, já envelhecida, terminou indo também de uma vez residir com a filha. Restou apenas um filho, o narrador da estória, a quem passo a palavra:

“... Só fiz que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado na popa. Estava ali, de grito. Chamei umas quantas vezes. E falei o que me urgia, tive que reforçar a voz: ‘Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu agora mesmo ... eu tomo o lugar, do senhor, na canoa...’ E assim dizendo meu coração bateu no compasso do mais certo. Ele me escutou. Ficou em pé.

Manejou o remo n’água proando a canoa para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto - o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me parecia vir da parte do além...”¹⁸.

Fica então o conselho para quem ousa acenar e perguntar: Padre Cícero, cadê você? Vai que ele responde... E “carece de ter coragem”, como dirá Diadorim depois, no Grande Sertão, para você ocupar o lugar do nosso Pai/Padim na canoa da história!

Notas

-
- ¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004), mestre pela Pontifícia Faculdade de Teologia de São Paulo (1994) e graduado em Filosofia e Teologia. Professor e Pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco, onde atua na área de estudos da religião. Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião do Brasil e vice-presidente (2010-16) da Associação dos Programas de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE). Coordenador do Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife, mantém pesquisa sobre teologia cristã e diálogo inter-religioso, metodologia teológica e transdisciplinaridade. Membro titular (2014-15) do Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa da Secretaria de Direitos Humanos do governo brasileiro. E-mail: gilbraz@unicap.br
- ² BARROS, M. **Livro sobre nada**. São Paulo: Record, 2000, p. 75.
- ³ Simpósio ocorrido de 17 a 21 de novembro de 2014 em Juazeiro do Norte-CE.
- ⁴ THEISSEN, G. **A sombra do galileu**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ⁵ *Ib.* p. 191.
- ⁶ Cf. ARAGÃO, G. O que é religião, agora?! In: MOTA, L. et al (Orgs.). **Religião e cultura, memórias e perspectivas**. Belo Horizonte: EdPUCMinas, 2012, p. 167-184.
- ⁷ Para uma avaliação mais teológica da religião popular, ver ARAGÃO, G. Inculturação da fé cristã na religiosidade popular. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 54, n. 289, mar./abr., p. 11-20, 2013.
- ⁸ Cf. BIDEGÁIN, A. **História dos cristãos na América Latina**. Tomo I. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 156s.
- ⁹ Cf. DUSSEL, E. (Org.). **Historia Liberationis**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 199s.
- ¹⁰ Cf. BRAGA, A. **Padre Cícero, sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Tese (doutorado) em Antropologia Social, UFRS - IFCH, 2007, p. 72s.
- ¹¹ SUASSUNA, A. **Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 5. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

¹² Para saber mais, ver o clássico CAVA, R. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Para uma releitura inteligente da história do Juazeiro, ver RAMOS, F. **O meio do mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: EDUFC, 2012. Para uma interpretação dos movimentos e lideranças messiânicas, ver LEMOS, F. (Org.). **Movimentos messiânico-milenaristas**. João Pessoa: EdUFPB, 2012.

¹³ Para pensar nas reabilitações do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo, ver BEDOVA, L. (Org.). **Milagre, martírio, protagonismo da tradição religiosa popular de Juazeiro**. Fortaleza: UFC, 2012; e SANTANA, M. **Do anátema ao aconselhamento pastoral**: da condenação e exclusão eclesial do Padre Cícero do Juazeiro à sua reabilitação histórica. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2007.

¹⁴ WILBER, K. **Espiritualidade integral**. São Paulo: Aleph, 2006, p. 204s.

¹⁵ Cf. IBGE. **Censo Demográfico 2010**. ISSN 0104-3145.

¹⁶ COMBLIN, J. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Paulus, 2011.

¹⁷ ROSA, J. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

¹⁸ *Ib.* p. 32.

Trabalho recebido em 22 de novembro de 2014.
Aceito em 23 de dezembro de 2014.